
Uma análise do discurso noticioso do Jornal Correio sobre os casos de feminicídio em Salvador no ano de 2020¹

Victor Said dos Santos SOUSA²
Lidiane Santos de Lima PINHEIRO³
Ivanise Hilbig de ANDRADE⁴
Universidade Federal da Bahia
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

O feminicídio é resultado do *continuum* da violência de gênero e é a forma mais extrema da violência contra a mulher. No Brasil, o crime é tipificado pela lei n.º 13.104 de 2015. Entre os anos de 2017 e 2023, ocorreram um total de 7.742 casos de feminicídio no país. Em Salvador, no período, ocorreram 113 casos de feminicídio, representando 16,82% dos 672 casos da Bahia (8,68% do Brasil). O objetivo desse artigo é apresentar os resultados parciais, referentes ao ano de 2020, de um estudo maior que se propõe a investigar as diferentes construções discursivas noticiosas sobre feminicídio na cidade de Salvador, com base em uma análise territorial por vetor de crescimento, a partir dos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP/BA) entre os anos de 2017 e 2020. A metodologia é de natureza qualiquantitativa e baseia-se na análise do discurso de linha francesa, de acordo com Orlandi (1999) e Pêcheux e Fuchs (1997). Como resultados, observou-se que, dos 19 acontecimentos do período, apenas 47% foram noticiados pelo Correio. Deste total, quando observado o critério territorial, os casos de feminicídio registrados em bairros “nobres” (orla atlântica) foram mais noticiados que os ocorridos nos bairros ditos “periféricos” (miolo e subúrbio).

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; análise de discurso; feminicídio; violência de gênero; Salvador.

INTRODUÇÃO

A violência e a desigualdade de gênero são fenômenos sociais históricos no processo de formação da sociedade brasileira. A mulher ocupa historicamente um papel de subalternidade e de servidão, sendo posta em uma posição de inferioridade perante os homens (Honse, 2021; ONU, 1993; Sardenberg; Tavares, 2016). O direito masculino,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho recebeu apoio financeiro parcial do Programa de Excelência Acadêmica – PROEX da CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea (Póscom) da UFBA. Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas pela UNEB. Pesquisador no Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD). Bolsista CAPES. E-mail: victorssousa@gmail.com.

³ Professora do Curso de Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens da UNEB. Pós-doutoranda do Póscom (UFBA) com bolsa CNPq. Pesquisadora no CEPAD/UFBA. E-mail: lidicom@yahoo.com.

⁴ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura (Póscom) da UFBA. Pesquisadora no CEPAD/UFBA. E-mail: ivanise.andrade@ufba.br.

como conhecemos, foi firmado a partir de um acordo tácito, que se sustenta por meio da discriminação, negação dos direitos femininos e pela perpetuação da desigualdade de gênero – a isto chamamos de contrato patriarcal (Saffioti, 2011).

O patriarcado é um sofisticado sistema de controle social que impõe o domínio dos homens sobre os corpos das mulheres, colocando-as em lugar de vulnerabilidade, enquanto permite aos homens o exercício do poder, dominação ou controle sobre a vida e corpos femininos, dando manutenção à construção social de superioridade e hegemonia masculina (Saffioti, 2011; Sardenberg; Tavares, 2016).

Essa é uma violência concreta, que se manifesta a partir de diferentes formas, independente da faixa etária, relações étnico-raciais ou conformação do gênero – entendendo as tecnologias de gênero a partir de uma perspectiva não binária e heteronormativa (Butler, 2003; Louro, 2001; Penedo, 2008; Wittig, 1981) – apesar de que, como apontam os dados estatísticos nacionais, há certas predominâncias no perfil das mulheres assassinadas, como é o caso das mulheres negras (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024; Brasil, 2024).

Nesse sentido, à medida que a sociedade humana se desenvolveu, os cenários de violência e desigualdade contra as mulheres passaram por diferentes tipos de justificação, seja científica, religiosa ou biológica, de forma que permeou a conformação da sociedade civil, o ordenamento jurídico, a estrutura do Estado e as relações afetivas e intrafamiliares (Saffioti, 2011; Sousa; Benevides, 2022a, 2022b). Essa macroestrutura ideológica passou a fazer parte do imaginário social, naturalizando-se como parte da ideologia dominante de diferentes momentos da civilização humana (Honse, 2021; ONU, 1993).

Dentre os tipos de violência, a violência contra a mulher apresenta-se como sendo uma violência invisível, pois, dada a sua naturalização, constrói-se no cotidiano, de forma passional e crível, sendo praticada, geralmente, por membros da família, parceiros íntimos ou pessoas próximas à vítima (Bandeira, 2014; Barsted, 2016).

O feminicídio é resultado do *continuum* da violência de gênero e é a forma mais extrema da violência contra a mulher, sendo um problema de segurança e de saúde pública que requer intervenção do ordenamento jurídico (Radford; Russell, 1992). Trata-se de um crime de ódio, o assassinato da mulher pela razão de ser mulher. É um crime motivado pelo sentimento de posse do agressor que, na ruptura do contrato imposto pelo patriarcado sobre o corpo das mulheres, legitima seu domínio sobre a vida e o controle absoluto sobre a vítima, cometendo o feminicídio (Saffioti, 2011).

Ele não é um ato isolado, é o resultado das diversas transgressões anteriores, que colocam a vítima suscetível à violência física, sexual, simbólica, patrimonial, psicológica ou moral, até chegar no homicídio da mulher pela condição de ser mulher – pelo desprezo ou ódio à sua condição de existência. O feminicídio evidencia-se como uma questão urgente de ser combatida, investigada e publicizada, tendo em vista que inúmeros casos ocorrem e padecem impunes, seja por falta de enquadramento adequado, por subnotificação ou pela ausência de discussão na opinião pública.

No Brasil, o homicídio de mulheres motivados por razões de ser mulher é tipificado pela lei n.º 13.104 de 2015, conhecida como Lei do Feminicídio, e, desde sua promulgação, entre os anos de 2017 e 2023, ocorreram um total de 7.742 casos enquadrados como feminicídio (Brasil, 2024; FBSP, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024). Na Bahia, entre 2017 e 2023, ocorreram 672 casos de feminicídio, representando 8,68% dos casos no Brasil.

No mesmo período, ocorreram 113 casos em Salvador, representando 16,82% dos casos totais de feminicídio na Bahia e 1,46% dos casos do Brasil (Bahia, 2021; Brasil, 2024; FBSP, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024). Em 2020, Salvador se tornou a segunda capital brasileira em que mais ocorreram casos de feminicídios (19 casos), em 2021 caiu para a quinta posição entre as capitais (14 casos), subindo para a terceira capital com mais casos de feminicídio em 2022 (21 casos) e se mantendo no posto em 2023 (18 casos) (Brasil, 2024; FBSP, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024).

A partir desse cenário, parte-se da seguinte questão: Como os casos de feminicídio em Salvador são tratados em matérias jornalísticas locais, considerando, na abordagem discursiva adotada, a territorialização e a incidência dos casos? Tem-se como hipótese de estudo que há diferenças na produção noticiosa de Salvador sobre feminicídio, pois ela varia de acordo com o bairro em que ocorre o crime, de acordo com a territorialização dos bairros ditos “periféricos” ou ditos “nobres”, incidindo na forma como o discurso é enunciado.

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados parciais, referentes ao ano de 2020, de um estudo maior que se propõe a investigar as diferentes construções discursivas dos jornais locais sobre feminicídio na cidade de Salvador, com base em uma análise territorial por vetor de crescimento⁵, a partir dos dados fornecidos pela Secretaria

⁵ O município de Salvador contava com um total de 163 bairros, conforme Lei ordinária n.º 9.278, de 20 de setembro de 2017, com posterior expansão por meio decreto n.º 32.791, de 01 de setembro de 2020, em

de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP/BA) entre os anos de 2017 e 2020. Os objetivos específicos desse artigo são: delinear o perfil do feminicídio na cidade de Salvador no ano de 2020, a partir dos dados fornecidos pela SSP/BA; e analisar o discurso noticioso a partir dos ditos, não-ditos e modos de dizer do Jornal Correio em 2020, considerando a territorialização por vetor de crescimento da cidade no período. Foram analisadas 45 matérias do Correio, das quais 14 noticiavam casos de feminicídio na cidade de Salvador, cobrindo 9 dos 19 casos registrados pela SSP/BA em 2020.

O artigo se estrutura da apresentação do tema, definição do percurso metodológico, cadenciando para os resultados e discussões, no qual é apresentado a caracterização dos casos em Salvador e a análise sobre o discurso noticioso do Jornal Correio em 2020 em Salvador e por vetor de crescimento; e as considerações finais.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico desse estudo foi construído de maneira a considerar a teoria, o método e as técnicas como fundamentais à condução da investigação social. No que tange à abordagem, optou-se pela pesquisa de natureza quali-quantitativa, dada a capacidade de investigação de grupos segmentados e bem delimitados, também sendo apropriada para análise de documentos e por trazer à luz um fenômeno social (Minayo, 1994). Quanto aos procedimentos, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental (Lakatos; Marconi, 2003). Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se da análise do discurso de linha francesa, segundo Orlandi (1999) e Pêcheux e Fuchs (1997).

A pesquisa bibliográfica foi etapa essencial para fundamentar o fenômeno em análise – o feminicídio. Alguns conceitos são norteadores para a pesquisa maior em desenvolvimento, os quais cabem ser mencionados, como gênero, violência contra a mulher, violência de gênero, patriarcado, feminicídio, discurso jornalístico, critérios de noticiabilidade e território.

que a capital passou a contar com 170 bairros. Atualmente conta com 171 bairros, após a implementação da lei n.º 9.778, de 25 de janeiro de 2024.

Há época da coleta de dados desse estudo, e considerando a legislação vigente no período analisado, os dados disponíveis referem-se à configuração da Lei ordinária n.º 9278/2017, conforme disponibilizado pela SSP/BA (Bahia, 2021).

Além dessa divisão, a cidade possui, entre outras, a divisão territorial que a segmenta em três vetores de crescimento: miolo, orla e subúrbio ferroviário (Andrade; Brandão, 2009), que é a divisão adotada nesse estudo.

A pesquisa documental foi realizada utilizando os dados fornecidos pela SSP/BA contendo os Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) (Bahia, 2021), entre os anos de 2017 e 2020, no qual insere-se o feminicídio. Também foram consultados dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024) e dos Dados Nacionais de Segurança Pública (Brasil, 2024), o que possibilitou a comparação do cenário do feminicídio em Salvador com a Bahia, outras capitais, e em relação ao cenário nacional. Para caracterização territorial da cidade de Salvador, foi utilizada a pesquisa de Santos *et al.* (2022).

No que tange à análise do discurso (AD), ela se propõe a compreender não apenas os sentidos que atravessam o discurso, mas também a ideologia, a história e o valor social que aquele discurso carrega (Pêcheux; Fuchs, 1997). “A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido.” (Orlandi, 1999, p. 26). A análise do discurso trabalha a materialidade da relação entre língua, discurso e ideologia, perpassada pela teoria da subjetividade da psicanálise (Orlandi, 1999; Pêcheux; Fuchs, 1997).

“Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento” (Orlandi, 1999, p. 19), reúne-se a forma material, isto é, a estrutura e o acontecimento – o significante, que é a língua, no sujeito afetado pela história, numa relação simbólica. A complexidade do discurso reside no fato de a linguagem se estruturar nas relações dos sujeitos e nas construções de sentidos por meio dos seus efeitos múltiplos e variados, de onde deriva a definição que os discursos são efeitos de sentido entre locutores (Orlandi, 1999). As construções discursivas e a construções de sentidos não são produtos de si mesmas, mas decorrem da forma como a linguagem é colocada ideologicamente no contexto sócio-histórico.

Entendendo essa complexidade, Orlandi (1999) faz importante distinção ao conceituar dispositivos teóricos de análise do discurso e dispositivos analíticos. Os dispositivos teóricos são os conceitos do constructo teórico da análise do discurso. Dentro do dispositivo teórico, encontra-se o dispositivo analítico, que consiste na aplicação do dispositivo teórico desdobrado sobre o objeto, a qual possibilita a análise do discurso por parte do pesquisador (Orlandi, 1999).

Os conceitos utilizados como dispositivos teóricos dessa pesquisa são: acontecimento, enunciado e enunciador, formação discursiva, modos de dizer, assujeitamento, silenciamento e interdiscurso. Aqui, contudo, serão apresentados apenas os resultados da análise, sem se aprofundar nos dispositivos teóricos acima mencionados. O dispositivo analítico, explica Orlandi (1999, p. 60), é um dispositivo que busca identificar e compreender a complexidade dos sujeitos que constituem a “pluralidade contraditória de filiações históricas”, são por eles que é possível analisar os diversos gestos de interpretação e tornar explícito aquilo que liga a relação do sujeito com sua memória.

Neste artigo, o dispositivo analítico possui três dimensões: aquilo que foi dito (Orlandi, 1999; Pêcheux; Fuchs, 1997); a enunciação ou os seus modos de dizer (Verón, 2005); e os não-ditos (Orlandi, 1999; Pêcheux; Fuchs, 1997). Os dispositivos analíticos são, então, por si mesmos, meios pelos quais é possível desvelar os mecanismos do dizer. Para Orlandi (1999), todo dizer carrega um não dito e é nesta relação entre aquilo que foi dito e na ausência do que não fora que se estrutura uma parte fundamental da análise do discurso, pois torna-se possível compreender as escolhas que sustentam o discurso enunciado. Inevitavelmente, o dizer “[...] se sustenta na memória (ausência) discursiva” (Orlandi, 1999, p. 83). Sendo assim, para analisarmos o dito e não-dito:

Partimos do dizer, de suas condições e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear as margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente. Não é tudo que não foi dito que [é relevante], é só o não dito relevante para aquela situação significativa (Orlandi, 1999, p. 83).

Quanto aos modos de dizer, Verón (2004) explica que o conceito de enunciação parte da definição de enunciado. Para o autor, o enunciado é a ordem do que foi dito, o que ele diz ser da ordem do conteúdo, enquanto a enunciação diz respeito não ao que foi dito, mas sim ao dizer e as modalidades do dizer, isto é, os modos de dizer. Conforme Verón (2004), os elementos que constituem a enunciação estão intimamente ligados ao que ele denomina de “situação de enunciação”. A todo discurso, independente de qual seja, constrói-se dispositivos de enunciação, os quais comportam:

1. A imagem de quem fala: chamaremos de o enunciador. Aqui o termo “imagem” é metafórico, trata-se do lugar (ou dos lugares) que aquele

- que fala atribui a si mesmo. Essa imagem contém, portanto, a relação daquele que fala ao que ele diz.
2. A imagem daquele a quem o discurso é endereçado: o destinatário. O produtor de discurso não só constrói seu lugar ou seus lugares no que diz; fazendo isso, ele define igualmente seu destinatário.
 3. A relação entre o enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso (Verón, 2004, p. 218).

O discurso carrega consigo não apenas a “imagem” do enunciador, mas o interdiscurso proveniente dos não ditos. Afinal, há no dizer os silêncios representados pelos esquecimentos – pelas memórias e ausências do próprio dizer, que ao não dizer revela a ideologia e muito diz sobre o enunciador (Orlandi, 1999; Pêcheux; Fuchs, 1997; Véron, 2005).

A coleta de dados para realizar a análise do discurso foi realizada após leitura das versões impressas do Jornal Correio – em formato online. O critério de seleção se deu a partir de informações sobre os casos encontradas na base de dados da SSP/BA, que, em 2020, registrou 19 casos de feminicídio na cidade de Salvador. Para isso, foi necessário identificar previamente os casos e categorizá-los, observando o dia, o horário e o local em que os crimes foram cometidos, de maneira a possibilitar a comparação com as notícias veiculadas e sua relação com a territorialização. Ao todo, foram consultadas 45 edições do Jornal Correio, no período de janeiro a dezembro de 2020.

Independente de quantas edições fossem selecionadas, todos os acontecimentos sobre feminicídio foram inseridos no banco de dados da pesquisa, para que fossem posteriormente analisados, a partir de alguns critérios: o acontecimento ocorreu na cidade de Salvador? Estão incluídos no escopo de dados fornecidos pela SSP/BA? O bairro do crime está explicitamente identificado? O horário do crime converge com o horário da ocorrência que consta na base de dados da SSP/BA? Há menção da etnia da vítima na notícia? Esses são elementos preliminares para a contextualização necessária do objeto para a análise. Os casos não noticiados foram registrados na base de dados da pesquisa, tendo em vista que o silêncio também é um dizer (Orlandi, 1999).

CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS DE FEMINICÍDIO EM SALVADOR NA ESCALA BAIRRO NO ANO DE 2020

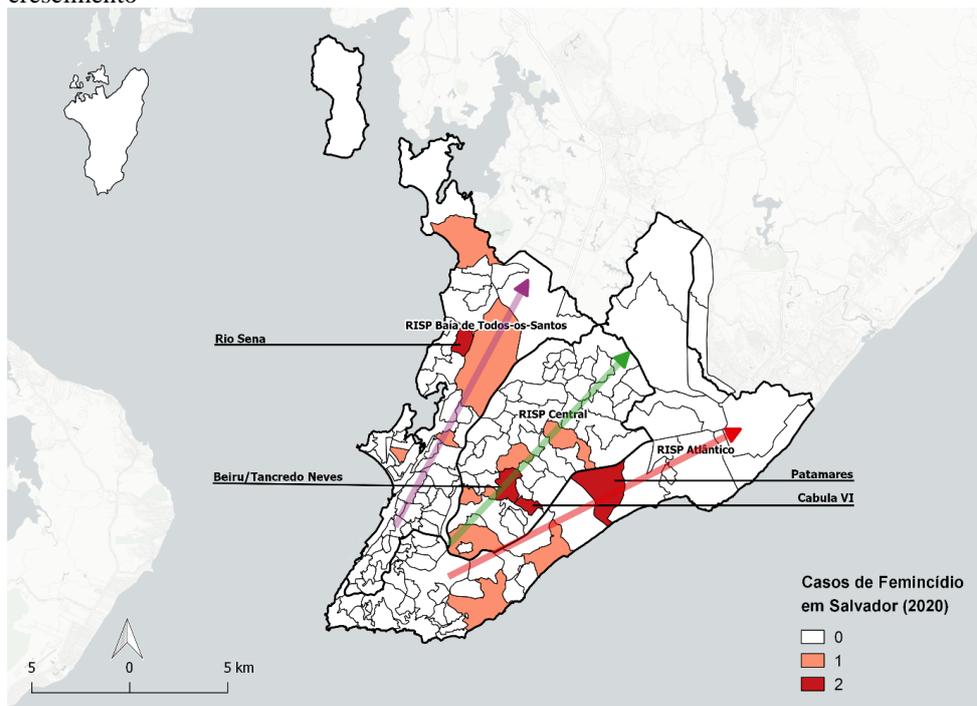
Em 2020, durante a pandemia da covid-19, ocorreu o segundo maior número de casos de feminicídios entre os anos de 2017 e 2023, com 19 casos, um aumento de 46,15% em relação ao ano anterior (13 casos). Naquele ano, a proporção ficou em 1,44

feminicídios a cada cem mil habitantes na cidade de Salvador, sendo o ano responsável por 16,81% de todos os casos da cidade no período supracitado (Bahia, 2021; Brasil, 2024; FBSP, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024).

No que se refere ao perfil das vítimas, predomina a cútis parda (categorização usada pela SSP/BA), com 12 casos, 4 casos com cútis não informada, 2 casos de mulheres brancas e 1 caso de pessoa negra – ressalta-se que a categorização de cútis da SSP/BA não se enquadra na classificação de raça/cor do IBGE. Dois desses casos, foram adolescentes de 12 a 17 anos, quatro casos de mulheres entre 18 e 24 anos, com um caso de 25 a 29 anos, com predominância de cinco casos de 30 a 34 anos de idade, sendo quatro casos de 35 a 65 anos, um caso de 65 anos ou mais e dois casos cuja faixa etária não foram identificados (Bahia, 2022).

No que se refere ao meio empregado para perpetrar o feminicídio, 10 casos ocorreram por meio do uso de arma de fogo, seis por meio do uso de armas brancas, um por espancamento, um por estrangulamento e um foi classificado como outros pela SSP/BA. Os bairros com maior incidência foram: Patamares (2), Beirú/Tancredo Neves (2), Cabula VI (2) e Rio Sena (2), seguidos de 11 bairros com uma incidência cada, conforme figura 1.

Figura 1 – Mapa dos feminicídios nos bairros da cidade de Salvador no ano de 2020 por vetor de crescimento



Legenda: Vetor roxo: subúrbio ferroviário; Vetor verde: miolo; Vetor vermelho: orla atlântica.
Fonte: Elaboração própria (2024).

Faz-se necessário pontuar que, como ocorreu em todo o mundo no ano de 2020, a realidade de milhões de mulheres foi transpassada pela pandemia da covid-19, o que acentuou o *continuum* da violência de gênero, uma vez que as vítimas estavam em contato mais recorrente com seus agressores. Conforme aponta o FBSP (2021), houve um aumento geral no número de casos de violência de gênero, com sutil aumento na quantidade de casos de feminicídio no país, mas essa realidade pode estar subnotificada, inclusive em Salvador, uma vez que muitos serviços públicos, há época, ainda passavam pelo processo de adaptação para garantir o atendimento não-presencial à população.

O DISCURSO NOTICIOSO DO JORNAL CORREIO SOBRE FEMINICÍDIO EM SALVADOR NO ANO DE 2020

Neste tópico, busca-se analisar as diferentes produções discursivas dos veículos locais, a partir do estudo do Jornal Correio, tendo como enfoque a territorialidade do município – que revelará as diferentes construções discursivas sobre tais notícias, mas isso quando os acontecimentos são noticiados.

Fundado em 20 de dezembro de 1978, o Correio foi, em 2020, o jornal com a maior audiência no estado da Bahia – no formato impresso e virtual –, sendo responsável pela circulação de mais de 12 mil unidades impressas nesse ano, o que representa uma circulação 44% maior do que os demais jornais impressos no estado (Correio, 2021; Yahya, 2021). No que se refere à circulação das edições virtuais do jornal, o correio possui um total de cerca de 18 mil assinaturas pagas. Totalizando, assim, 30 mil leitores no ano de 2020 (Yahya, 2021).

Em seu formato, o jornal possui uma linguagem que busca dialogar objetivamente com o público, de maneira simples e direta. São enunciadas manchetes que, quando não remetem à sensibilização ou ao exagero, tentam transparecer a concretude dos fatos, produzindo efeito de imparcialidade. Essa construção discursiva é refletida na maior parte do jornal, que possui diversas editorias com rubrica da “redação”⁶, como: 24h*, Bahia, Brasil, Mundo, Economia, Mais e Esportes.

⁶ “Essa distribuição em rubricas revela a maneira pela qual cada organismo de informação constrói seu espaço público: racionalizada e visível, como nos jornais ditos de opinião, tal racionalização é considerada no meio profissional a marca de um organismo de informação que se dirige a um público esclarecido e culto; dispersa e pouco visível, como nos chamados jornais populares, ou invertida, como nos cotidianos regionais que dão preferência às notícias locais”. (Charaudeau, 2013, p. 146).

A evidente parcialidade e a pessoalidade só são assumidas quando se trata do posicionamento dos autores nas colunas e editoriais que surgem ao longo das edições – estando claro no discurso do jornal que “opiniões e conceitos expressos nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores”, como consta nas notas imediatamente após as publicações. Essa construção discursiva, inclusive, tem o propósito de aproximar o jornal deste lugar de detentor da autoridade do enunciado – da verdade.

O veículo atua, como aponta Alsina (1993), como um dos construtores da realidade social, uma vez que busca pautar a agenda da sociedade e filtrar os acontecimentos que serão enunciados – sendo o maior veículo noticioso do estado, sua potencialidade de agendamento é notória. Mas não se pode perder de vista o aparato ideológico que o constitui, uma vez que fenômenos intrínsecos e urgentes à realidade social – como o feminicídio – podem acabar sendo silenciados e invisibilizados nas narrativas cotidianas, em especial na mídia impressa, a qual é, historicamente, responsável pela construção da memória das sociedades.

O discurso noticioso do Jornal Correio por vetor de crescimento de Salvador

A coleta de dados resultou no levantamento de 45 matérias dentro dos parâmetros estabelecidos na metodologia do estudo. Dessas, 14 noticiavam casos de feminicídio na cidade de Salvador, sendo que, dos 19 casos registrados pela SSP/BA durante o ano de 2020, apenas 9 foram noticiados pelo Jornal Correio, conforme apresenta a Tabela 1.

Tabela 1 – Relação de casos de feminicídios noticiados Jornal Correio por vetor de crescimento

Vetor de crescimento	Não noticiados	Noticiados	Total de casos	Percentual noticiado
Orla Atlântica	1	3	4	75%
Subúrbio ferroviário	4	2	6	33%
Miolo	5	4	9	44%
Total	10	9	19	47%

Fonte: Autoria própria (2024).

Ao analisar os casos noticiados por vetor de crescimento, identifica-se que, dos quatro casos ocorridos no vetor da orla atlântica, 3 foram noticiados (75% da incidência); dos 6 casos ocorridos no vetor do subúrbio ferroviário, apenas 2 foram noticiados (33%); no vetor do miolo, 4 dos 9 casos foram noticiados (44%). A cobertura jornalística do Correio contemplou 47% de todos os casos registrados pela SSP/BA.

Este é um indicador inicial que aponta para um processo de silenciamento do fenômeno, por parte do jornal, uma vez 53% dos casos não foram noticiados. Conforme

discutido, um dos papéis do jornalismo é atuar na construção da realidade social, em especial considerando o potencial de agendamento dos veículos noticiosos. Ao optar por não noticiar, por silenciar-se a respeito de dez casos de feminicídio ocorridos na cidade de Salvador, isso revela uma importante posição ideológica do Correio, em especial quando se analisa tal discurso sobre a ótica da territorialização da cidade.

Durante o ano de 2020 ocorreram nove casos de feminicídio no vetor de crescimento do miolo de Salvador, de acordo com a SSP/BA. Destes nove casos, apenas quatro foram noticiados. Se analisarmos sobre o prisma da temporalidade, durante o primeiro semestre de 2020, apenas um caso foi veiculado (20%), apesar de cinco ocorrências no período.

Observou-se no discurso noticioso sobre o miolo, região com alta concentração demográfica e conglomerados residenciais, dita “periférica”, mas com centros econômicos importantes da cidade, um padrão em que, no primeiro semestre, havia a predominância de matérias jornalísticas, quanto aos modos de dizer, no formato de nota, sem imagem, sem destaque e sem centralidade em relação ao conteúdo. Ao todo, foram noticiados 44% dos acontecimentos do vetor.

Historicamente, a luta dos movimentos feministas, das mulheres e das populações não-binárias envolve a luta contra o silenciamento. A violência de gênero se perpetua devido a forma com que esta manifestação se banalizou. Ao observar que um veículo noticioso deixa de noticiar cinco casos de feminicídio em um semestre, fica evidente o processo de naturalização em torno de um fenômeno antinatural, estrutural e sistêmico que precisa ser combatido – mas que encontra refúgio no silêncio.

O vetor de crescimento do subúrbio ferroviário merece especial destaque entre as regiões analisadas. Ele chama atenção não pelos enunciados do jornal Correio, mas pelos silêncios, pelos não ditos. Dentre os seis casos de feminicídios ocorridos nesta região, apenas dois foram noticiados (33%), sendo veiculados no formato de breve nota e de editorial. O subúrbio é uma região predominantemente dita “periférica”, com alguns polos produtivos remanescentes da expansão comercial do século XX. O vetor, diferente do miolo, é um dos mais “marginalizados” da cidade, pois está na margem esquerda da cidade, distanciado do atual centro produtivo e dos bairros ditos “nobres”.

Os casos de feminicídio que ocorreram no subúrbio ferroviário incidiram em bairros ditos “periféricos”: Rio Sena, Boa Vista de São Caetano, Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro, Paripe e Pirajá. A natureza do esquecimento da ordem da enunciação é indicial:

ideologicamente a linha editorial do Correio invisibiliza os casos ocorridos em bairros da periferia de Salvador, como os que ocorreram no subúrbio.

Se o Correio opta por não dizer o que ocorre no subúrbio, como um dos construtores da realidade social, ele acaba por silenciar a materialidade do fenômeno na região e a violência que se perpetua naquele vetor, tanto no sentido de desvelar à população a gravidade dos crimes que acometem a região em que vivem, quanto de dar visibilidade a esse crime hediondo manifesto no cotidiano da população – essa disparidade fica mais evidente quando comparamos os dados em relação ao miolo e à orla atlântica, conforme Tabela 1.

Até este ponto da análise, os acontecimentos noticiados não configuravam narrativas discursivas com suítes. Eram notícias que findavam em si mesmas, notas que informavam sobre determinado acontecimento e, feito isso, perdiam-se no esquecimento (ou na memória?) do jornalismo impresso, num canto pouco destacado às margens das edições do jornal. Esta foi a predominância das matérias analisadas até este ponto nos vetores de crescimento do miolo e do subúrbio ferroviário. Em ambos, a presença de elementos como fotografia, destaque, centralidade e entrevista ou qualquer outro recurso que enfatizasse a relevância do caso só foi encontrado em um único acontecimento, o noticiado em 6 de outubro de 2020 na região do miolo.

A hipótese deste estudo é que a territorialização do município impacta na forma como o discurso noticioso é enunciado, com os resultados que veremos a seguir, há um indicador indicial sobre a influência direta entre a territorialização e a noticiabilidade dos casos de feminicídio em Salvador, uma vez que dos quatro casos de feminicídios ocorridos no vetor de crescimento da orla atlântica, em bairros ditos “nobres” – Patamares, Alphaville e Pituba –, três foram noticiados e todos ocuparam páginas inteiras nos cadernos do Correio. Foram narrativas com continuação, sendo veiculados em, pelo menos, duas edições, e em uma delas ocupando uma página inteira, com fotografia.

Com 75% dos casos de feminicídios noticiados no vetor orla atlântica, um total de três de quatro acontecimentos, observa-se como o veículo dá maior relevância para as ditas “elites”, demonstrando o peso dos ditos bairros “nobres” para a noticiabilidade dos eventos em sua construção discursiva. A notoriedade, enquanto critério de noticiabilidade (Traquina, 2013) então, é um elemento para agregar valor a tais notícias, que contam com continuidade e são destaque dentro do jornal.

A mudança de postura ideológica fica claramente refletida no editorial publicado em 10 de dezembro de 2020. Diferente das demais matérias veiculadas, neste texto verificamos um detalhamento minucioso e cuidadoso em relação às informações fornecidas ao público. O jornal não evidencia aspectos que remontem a importância de combater a estrutura patriarcal e machista, este é um silêncio que a linha editorial do Correio carrega em suas matérias noticiosas. Contudo, deve-se considerar que somente o ato de noticiar os casos de feminicídio em Salvador, por si, já é um avanço significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos termos de Orlandi (1999) e Pêcheux e Fuchs (1997), o esquecimento da ordem da enunciação pode ser entendido como complacência no enfrentamento à ocorrência do fenômeno. Quando se analisa a concretude dos casos de feminicídio em Salvador (19 casos), em contraponto aos acontecimentos noticiados pelo jornal (9), conclui-se que ele opta por não dizer, não enunciando os acontecimentos. É o que ocorre no primeiro semestre de 2020, com a veiculação de apenas duas notícias, frente aos 9 acontecimentos no período.

Entendendo que a violência feminicida é consequência da estrutura patriarcal, machista, misógina e conservadora, responsável por impor às mulheres papel de subalternidade, inferiorizando-as e negando-lhes o direito fundamental à vida, compreender o discurso do jornal Correio – como um fragmento ou uma amostra dos discursos da imprensa soteropolitana –, a partir da territorialização da cidade, apresenta-se como um importante meio para compreender a repercussão do fenômeno em Salvador.

A linha editorial do Correio assume um discurso no qual os vetores de crescimento, cujos bairros são ditos “nobres”, possuem uma visibilidade maior se comparado com os vetores cujos bairros são ditos “periféricos”. Mesmo em circunstâncias em que carregam valores-notícia muito similares – a morte, a violência, a negatividade, o contexto íntimo, privado e familiar –, a ausência da notoriedade, da “elite”, faz com que os vetores como o do subúrbio e miolo, cujas predominâncias são ditas “periférica”, sejam pouco noticiados.

A ausência de notícia sobre tais acontecimentos indica, *a priori*, um processo de silenciamento por parte do veículo noticioso, este é um não-dito que carrega um significado profundo, em especial porque a luta contra a violência contra a mulher e o

feminicídio se pautam historicamente por meio do enfrentamento ao silêncio e à naturalização da violência.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.
- ANDRADE, A. B.; BRANDÃO, P. R. B. **Geografia de Salvador**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BAHIA (Estado). Secretaria de Segurança Pública – SSP/BA. **Casos de feminicídio entre os anos de 2017 e 2020**. Salvador: SSP/BA, 2022. Planilha do Excel. Gerada em: 01 jun. 2022.
- BAHIA (Estado). Secretaria de Segurança Pública – SSP/BA. **CVP e CVLI entre os anos de 2017 e 2020**. Salvador: SSP/BA, 2021. Planilha do Excel.
- BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio [...]. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Dados Nacionais de Segurança Pública: Mulheres e segurança pública**. Brasília, DF: MJSP, 2024.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. 2. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- CORREIO (Jornal). **CORREIO é líder de audiência na Bahia; veja os números**. Salvador, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/correio-e-lider-de-audiencia-na-bahia-veja-os-numeros/>. Acesso em: 19 set. 2024.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Brasil: FBSP, 2017; 2018; 2019; 2020; 2021; 2022; 2023.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Feminicídios em 2023**. Brasil: FBSP, 2024.
- HONSE, A. **Tudo começa com um grito: do androcentrismo ao feminicídio**. Brasil: [s. n.], 2021. Edição Kindle.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOURO, G. L. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, [S. l.], v. 2., p. 541, 2001.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres**. [S. l.]: ONU, 1993.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

PENEDO, S. L. **El laberinto queer: La identidad en tiempos de neoliberalismo**. Barcelona: Egales editorial, 2008. E-book.

RADFORD, J.; RUSSELL, D. E. H. **Femicide: The politics of woman killing**. New York: Twayne Publishers, 1992.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, E. *et al.* **QUALISalvador: Qualidade do Ambiente Urbano na Cidade da Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2022.

SARDENBERG, C. M. B.; TAVARES, M. S. (Orgs.). **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento**. Salvador: EDUFBA, 2016. Coleção Bahianas, v. 19.

SOUSA, V. S. S.; BENEVIDES, T. Femicídios em Salvador: caracterização territorial dos casos na escala bairro. In: ENCONTRO DA ANPAD, 46., 2022, online. **Anais eletrônicos**. [S. l.]: ANPAD, 2022b, p. 1-20.

SOUSA, V. S. S.; BENEVIDES, T. M. Femicídios em Salvador: uma análise dos casos registrados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia entre 2017 e 2020. **Bahia Análise & Dados**, [S. l.], v. 32, p. 224-249, 2022a.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WITTIG, M. **Ninguém Nasce Mulher (1970)**. [S. l.], 1981. Disponível em: <https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-wittig>. Acesso em: 1 set. 2024.

YAHYA, H. **Jornais têm alta de 6,4% no digital e queda de 13,6% no impresso em 2021**. Poder 360, [S. l.], 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-tem-alta-de-64-no-digital-e-queda-de-136-no-impresso-em-2021/>. Acesso em: 19 set. 2024.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.